



Análise e estratégias tradutórias em *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*

Analysis and Translation Strategies in The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus

Poliana Soares

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul/ Brasil

polisoaresdelima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3241-5916>

Ernani Mügge

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul/ Brasil

ernani@feevale.br

<https://orcid.org/0000-0001-8243-8759>

Gerson Roberto Neumann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul/ Brasil

gerson.neumann@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5809-6998>

Resumo: O artigo analisa as estratégias de tradução empregadas no livro *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999). A metodologia utilizada é a análise comparativa entre o texto no idioma português e o texto vertido para o inglês, de acordo com entendimento das teorias dos Estudos Culturais e da Tradução. Os resultados encontrados apontam para uma tentativa de tradução fiel ao original, no entanto, as aporias da tradução exigem escolhas múltiplas que manipulam o texto de acordo com o público leitor de chegada. As conclusões indicam que traduzir é reescrever, e esta ação pode ser positiva ou negativa dependendo dos objetivos estabelecidos pelos editores e tradutores, pois inventaria duas culturas que serão, ou não, transpostas.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; Tradução; Meu estranho diário; Estudos Culturais; Literatura Brasileira.

Abstract: The article analyzes the translation strategies employed in the book *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999). The methodology used is the comparative analysis between the text in Portuguese and the text translated into English, according to the understanding of the theories of Cultural Studies and Translation. The results indicate an attempt at a translation faithful to the original, however, the translation aporias demand multiple choices that manipulate the text according to the target readership. As conclusion that translating is rewriting, however, this action can be positive or negative depending on the goals of the editors and translators, as it would invent two cultures that will or will not be transposed.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Translation; The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus; Cultural Studies; Brazilian Literature.

1 Introdução

As obras literárias brasileiras dentro do sistema tradutório internacional estão há muito tempo buscando espaço e reconhecimento. Muitos autores, desde renomados nomes da literatura até escritores mais recentes, buscam a tradução para idiomas reconhecidos mundialmente pelo prestígio e pelo alcance internacional. Muitas vezes, o reconhecimento em solo nacional advém da tradução da obra, e não o contrário. Esse tema é delicado, envolve ramificações do sistema literário (autor, editor, público, recepção, linguagem, história). Nesse sentido, é importante compreender que a literatura mundial traduz obras do idioma inglês constantemente, quase que como uma atividade obrigatória, pois é um dos idiomas que tem o maior alcance mundial e pelo fato de os Estados Unidos serem, praticamente, o país mais influente no mundo economicamente e, principalmente, na produção cultural e artística. Assim, obras literárias estrangeiras ganham visibilidade na cultura brasileira ao mesmo tempo que passam a influenciá-la.

Por outro lado, quando esse movimento tradutório ocorre no sentido oposto, existe grande comoção das mídias e da academia para compreender e estudar os motivos que levaram uma obra literária a ser vertida do idioma de origem para o inglês. E é nesse contexto pouco usual que as ções dos diários de Carolina Maria de Jesus se integram. Por conseguinte, quando falamos sobre tradução, velhas questões ressurgem, mas a principal é sempre por que determinados textos são traduzidos e outros não? As perguntas frequentemente são as mesmas, mas as repostas têm se revelado diferentes, por isso a importância de manter atualizados os estudos da tradução, pois,

por meio deles, é possível compreender “os problemas de ideologia, da mudança e do poder na literatura e na sociedade” (Lefevre, 2007, p. 12).

Entendemos que a tradução é da ordem prática e dinâmica, através dela, ocorre a comunicação mundial, e, ao mesmo tempo, a sociedade pode manter a sobrevivência de uma língua, de um autor ou de uma obra através dos tempos. Além disso, a dimensão linguística na prática tradutória é necessária, mas não é suficiente para que a tradução tenha sucesso, qualquer que seja seu objetivo. Traduzir é a interpretação de signos linguísticos por meio de sistemas de signos não linguísticos (Oustinoff, 2011), o que faz recair sobre outras linhas de estudos da língua e da cultura o dever de se associar aos estudos da tradução a fim de desenvolverem percepções sobre a prática, a qual já foi vista como uma atividade menor por carregar o estigma de “não ser o original”. Na perspectiva cultural, os estudos da tradução abandonam o *status* de fenômeno marginal e passam a ocupar um lugar central e fundamental no sistema literário, não apenas nos dias atuais, onde a transculturalidade exige resiliência para se adequar a tantas mudanças, mas também na memória e na história, locais de desenvolvimento da compreensão social, política e cultural. Hoje, a sociedade está mais preparada para receber e entender as produções literárias, por isso há uma tendência a revisitar textos, obras e autores que foram negligenciados pela ignorância e pelo preconceito, assim como há uma crescente onda de retraduições.

À vista disso, a relação entre o Brasil e o idioma inglês no âmbito da tradução iniciou no século XIX, quando ocorreram as primeiras traduções das obras do início do período do romantismo brasileiro, como, por exemplo, *Iracema – lenda do Ceará*, de José de Alencar (1865), traduzido por Isabel Burton, em 1886, sob o título *Iraçema the Honey-lips: a Legend of Brazil*. Desde então, o interesse na tradução das obras brasileiras sempre esteve relacionado à busca pelo exótico, à descrição da paisagem e a uma literatura nacional que revelasse as origens do país e o descrevesse para o entendimento e deleite do público leitor. A premissa é constatada ao observar a linha do tempo na Plataforma Richard Burton¹, que vem há alguns anos

¹ Plataforma leva o nome do explorador britânico, Richard Burton, que, assim como sua esposa, Isabel Burton, são considerados os primeiros tradutores da literatura brasileira para o inglês. Mais informações sobre o projeto: Disponível em: <http://richardburton.canoas.ifrs.edu.br:8080/faces/search.xhtml>. Acesso em: 10 dez. 2021.

relacionando por ordem cronológica as obras traduzidas do português para o inglês. No levantamento, também é possível verificar os títulos, os autores, os tradutores e o ano de tradução. A listagem certamente ainda não está completa, mas os dados inseridos durante os últimos anos já auxiliam os pesquisadores e demais interessados a perceber as tendências tradutórias na história da literatura brasileira.

Indo ao encontro dos resultados da plataforma, pesquisas também revelam que, desde o início das traduções das obras brasileiras para o inglês até a atualidade, existe uma tendência na seleção de títulos associados à identidade nacional e ao exotismo (Melo, 2017; Barbosa, 1994), além de haver a preferência do mercado editorial por traduzir os livros que obtiveram sucesso no Brasil. Nesse panorama, incluímos o diário *Child of the Dark – the Diary of Carolina Maria de Jesus* (Jesus, 1962), publicado principalmente pelo sucesso obtido no Brasil.

A pouca qualidade dessas traduções revela que os tradutores parecem não ter comprometimento com as obras ou com o ofício, pois verteram apenas uma obra do português. Assim, as traduções do português para o inglês são realizadas por interesses e motivações pessoais, por meio dos quais a escolha de autores e livros é realizada pelos próprios tradutores, grupos de tradução ou pesquisadores vinculados à universidade (Melo, 2017), assim como ocorreu com as traduções *I'm Going to Have a Little House* (Jesus, 1997), *Bitita's Diary* (Jesus, 1998) e *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999), por exemplo. Ao mesmo tempo, o interesse nos textos carolinianos também estão relacionados a um momento importante na história dos Estudos da Tradução, a Virada Cultural (*The Cultural Turn*) (Bassnett; Lefevere, 1998).

Iniciada nos anos de 1990, a Virada Cultural foi um movimento que passou a questionar as formas conservadoras e formalistas das traduções realizadas considerando apenas as funções textuais e conceitos por equivalências. A partir do movimento cultural, que também atingiu outros setores das ciências humanas, a tradução passa a atribuir importância a outros elementos envolvidos. Assim, os aspectos históricos, políticos e ideológicos começam a integrar o processo tradutório através das vertentes interdisciplinares que acabam se relacionando com os Estudos Culturais, passando a influenciar a forma como a tradução é vista e produzida (Venuti, 1998).

Nesse sentido, ao escolher como objeto de análise foco a obra *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, observamos que o ano da tradução é próximo ao início da Virada Cultural, por isso, é possível que as pequenas diferenças detectadas na forma de traduzir entres os três diários de Carolina Maria de Jesus estejam relacionadas à influência da Virada Cultural.

A análise foi realizada entre a obra em língua portuguesa *Meu estranho diário* e *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*. O processo analítico é manual e visa uma análise qualitativa das estratégias de tradução utilizadas para verter o texto de partida para a língua inglesa.

Levando em consideração o provérbio italiano citado por Genette (2010) – *traduttore, traditore* (tradutor, traidor) – de que a tradução é uma traição, aliado ao entendimento de que toda tradução é uma reescrita (Lefevre, 2007), e, portanto, “nenhuma tradução pode ser absolutamente fiel e todo ato de traduzir altera o sentido do texto traduzido” (Genette, 2010, p. 65), optamos por dividir as estratégias utilizadas para verter o texto de Carolina Maria de Jesus em dois axiomas: 1) as estratégias de tradução, das quais se ocupam as regras dos sistemas linguísticos para criar as representações dos sentidos que serão enunciados por esse novo sistema; e 2) as estratégias de manipulação, as quais não deixam de ser estratégias para traduzir um texto, porém, baseiam-se nas escolhas dos editores e dos próprios tradutores com mais ênfase do que as escolhas relacionadas à linguística. O fator principal do axioma da manipulação é que o tradutor, independente do nível de conhecimento que possui do idioma para o qual deseja verter o texto, terá plena ciência de que estas escolhas de tradução “inevitavelmente cria[m] uma representação do outro para uma cultura-alvo” (Esteves, 2014, p. 294). Desse modo, estão assumindo o risco e o poder da imagem construída a partir dessas escolhas.

2 As estratégias tradutórias em *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*

2.1 Os paratextos: aliados da recepção e da tradução

No livro *Meu estranho diário* (Jesus, 1996), o cuidado dedicado pelo editor/organizador aos textos iniciais é fundamental para a forma com que os leitores receberão a obra. Além disso, há um cuidado extremo

em deixar esclarecido quais foram os critérios de edição dos manuscritos e por quê. Assim, eles fizeram “um apurado recorte de textos, obedecendo os seguintes critérios: **mostrar integralmente**, sem nenhum retoque, **a parte encontrada**; fazer uma seleção que iluminasse diversos momentos da produção de diários da autora” (Meihy; Levine, 1996, p. 28-9, grifos nossos).

Além disso, o estado físico dos manuscritos, a organização e as primeiras impressões também são relatados, pois, ao explicar para os leitores cada etapa do processo, expressa-se o sentimento de verossimilhança e o “horizonte de expectativas” (Jauss, 1994), estratégias de recepção que auxiliam o leitor a entender os textos, desde os mais simples ao mais complexos. Sobre os manuscritos, que, pela primeira vez, eram comparados às edições já publicadas,

cabe ressaltar que o conjunto de textos guardados em cadernos são fragmentados. Os cadernos não apresentam nenhuma sequência lógica e num mesmo volume, pode-se encontrar diversos *gêneros*. O estado do material também é bem precário, faltando, em alguns casos, páginas (Meihy; Levine, 1996, p. 29, grifo dos autores).

Assim como as tentativas de Audálio Dantas (primeiro editor dos manuscritos da autora), os editores do terceiro diário escolheram as entradas dos diários baseados na sequência de datas e de uma forma que permitisse “verificar momentos definidos na trajetória vivencial” (Meihy; Levine, 1996, p. 30) e da obra publicada. Outra observação na introdução do diário indica que questões éticas que, porventura, pudessem ser abordadas quanto à publicação do teor dos textos foram acatadas e mantidas, uma vez que, ao censurá-las de alguma forma, estariam incorrendo sobre as mesmas questões que se desejava evitar nesta nova publicação.

Em contrapartida, a introdução norte-americana no diário *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999) apresenta informações simples e sucintas, demonstrando pouco interesse em informar os leitores sobre o estado das fontes, mas destaca seus objetivos voltados para a vida da escritora e seu posicionamento social e político. Enfatiza que o material foi fotocopiado e microfilmado para poder ser manuseado. Dedicar grande parte do texto para afirmar de diversas formas que “nossa tradução das páginas recém-descobertas do diário de Carolina

Maria de Jesus **preserva deliberadamente o estilo distinto de escrita da autora**² (Levine; Meihy, 1999, p. 4, tradução nossa, grifos nossos).

Robert M. Levine, o editor da tradução, tem um perfil característico resultante de sua linha de formação, que é o foco na história e o entendimento dos escritos de Carolina Maria de Jesus como documentos históricos. Por isso, o texto introdutório da tradução acaba por ser denso e extenso, pois narra toda a história da autora sob a perspectiva política do Brasil. Entre os trechos mais relevantes, destacamos o seu interesse nos registros da escritora datados do ano de 1966, ainda período da Ditadura Civil Militar.

Criticando a tradução realizada por David-Saint Clair (Jesus, 1962), a introdução considera o texto vertido para o inglês como fiel ao original. A tradução de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* preserva a pontuação e a inconsistência do uso da maiusculização das letras, a partir dos quais, busca chegar o mais próximo possível do sentido expresso pelo texto no idioma de origem (Levine; Meihy, 1999). Algumas peculiaridades da escrita caroliniana, como o uso de pronomes de tratamento (Sr., Sra., dona, Seu) ou a menção dos nomes de pessoas e lugares, por exemplo, também são justificadas na introdução.

Da extensão das frações das entradas dos diários é esclarecido que se escolheu segmentos dos três períodos mais representativos (os quais não são citados) ao invés de traduzir e publicar o diário integralmente. Essa seleção corresponderia a aproximadamente $\frac{1}{3}$ do total das folhas dos cadernos entregues por Vera Eunice de Jesus Lima que foram traduzidas por completo, a não ser por falta de espaço (Levine; Meihy, 1999).

Todas essas informações estão no paratexto inicial de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999), e “sabe-se que cada elemento do paratexto oferece uma leitura parcial, e, portanto, uma visão reduzida do livro traduzido. [...] porém os elementos paratextuais acrescentam informações valiosas sobre o texto objeto e contexto de origem” (Perpétua, 2014, p. 128). É por meio dessas informações que podemos analisar como uma tradução é apresentada na cultura receptora. Portanto, a partir das escolhas dos editores, elaboramos as subcategorias das estratégias de tradução e de manipulação.

² No original: “our translation of Carolina Maria de Jesus’s newly discovered diary pages deliberately preserves the author’s distinctive writing style”.

Desse modo, ficam as reflexões: “O que muda quando retrato Carolina Maria de Jesus como uma preta, pobre e favelada ou como uma escritora negra, poetisa e doutora?” Muda tudo. “Por que Carolina Maria de Jesus significou tantas coisas diferentes para tantos leitores diferentes?”³ (Levine; Meihy, 1995, p. 15, tradução nossa). É a forma de representá-la através das traduções e das edições que direciona para interpretações ao gosto do sistema de mecenato⁴ que rege as obras, pois “o mecenato está comumente mais interessado na ideologia da literatura do que em sua poética” (Lefevre, 2007, p. 34), e esta foi a tendência tradutória identificada nas traduções das obras de Carolina Maria de Jesus.

3 As estratégias de tradução e traição

A escolha de dividir as estratégias em axiomas permite-nos analisar quais delas são relevantes para a obra caroliniana e se há seleções que prejudicam o texto, seja pelo contexto histórico e social ou literário.

O trabalho de tradução desenvolvido nos primeiros diários assemelha-se à prática realizada pelas primeiras traduções da literatura brasileira: “a busca por autenticidades nas obras, [que] muitas vezes, era encontrada em obras não ficcionais de biografias, memórias e diários” (Barbosa, 1994, p. 91). Já na tradução *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, busca-se autenticidade na forma de representar a escrita, mesmo que fora do campo da análise literária, mas compreendendo que o relato deve ser fiel para que seja aceito como autêntico. Porém, o que está em jogo não é o documento social, mas o papel da literatura no sistema social. “Esse último conceito influencia a escolha de temas que devem ser relevantes para o sistema social, para que a obra literária seja notada” (Lefevre, 2007, p. 35), desta forma, há atuação da interdisciplinaridade para que haja aceitação da tradução.

³ No original: “Why did Carolina Maria de Jesus mean so many different things to so many different readers?”.

⁴ “O mecenato poder ser exercido por pessoas, [...] mas também por grupos de pessoas, uma organização religiosa, um partido político, uma classe social, uma corte real, editores e, por último, mas não menos importante, pela mídia, tanto jornais e revistas quanto grandes corporações de televisão. Os mecenas tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, constituem uma sociedade, uma cultura. Como regra, operam por meio de instituições montadas para regular, senão a escritura de literatura, pelo menos sua distribuição” (Lefevre, 2007, p. 35).

3.1 Manter-se fiel aos originais?

A insistência do editor e das tradutoras em manter o estilo da escrita de Carolina Maria de Jesus chamou a atenção, pois esta foi a primeira a ser vertida a partir de manuscritos. Também há um consenso entre os principais teóricos da tradução de que uma tradução literal ou fiel ao texto de origem esbarra em duas questões: primeiro, nem sempre é sinônimo de sucesso tradutório; e, segundo, não é possível ser fiel o tempo todo quando se está traduzindo entre sistemas linguísticos que, eventualmente, irão esbarrar em desafios de representação e transposição de léxico, semântica, e, principalmente, de termos culturais. Lefevere (2007, p. 85-6) chamou atenção para os tipos de tradutores, “tradutor fiel e tradutor espirituoso”, sendo que ambos acabam deixando a desejar por trabalharem nos limites opostos das estratégias de tradução e manipulação dos textos. Logo, além de levar em conta o objetivo da tradução e o público receptor, agir em um meio termo nos parece uma decisão sensata e possível, pois cada unidade de sentido de um texto exigirá formas específicas de representação em diferentes sistemas culturais.

Assim, ao analisar o texto vertido por Cristina Mehrrens e Nancy P. S. Naro em comparação ao texto editado por José Sebe Bom Meihy, não identificamos benefícios ao leitor da cultura de recepção em ler um texto que apresenta uma pontuação que não corresponde ao seu sistema linguístico e que não acrescenta nada na semântica. Ao contrário, a falta de pontuação acaba confundindo o leitor e tornando a leitura caótica, uma vez que exige atenção dobrada para compreender cada nova enunciação do texto traduzido.

Na sequência, há exemplos para ilustrar esse ponto de vista. Todos os grifos contidos nos exemplos são de nossa autoria. No Exemplo 1, Carolina Maria de Jesus inicia uma nova frase após o ponto de exclamação utilizando letra minúscula; porém, a tradução não mantém a equivalência ao seguir a norma gramatical e inicia a nova frase com a letra maiúscula.

Exemplo 1:

“Que suplicio! **a** minha lata esta furada...” (Jesus, 1996, p. 33).

“What a torture! **T**here is a hole in my can...” (Levine; Meihy, 1999, p. 21).

Neste exemplo, o fato de haver a pontuação final, usar ou não a maiusculização no trecho seguinte não influencia a compreensão e o entendimento do texto.

Exemplo 2:

“Cheguei em casa **C**açada e triste...” (Jesus, 1996, p. 36).

“I got home **T**ired and sad...” (Levine; Meihy, 1999, p. 23).

O Exemplo 2 ilustra o uso da maiusculização em uma palavra no meio de uma sentença, e ela é reproduzida na tradução. Observamos que na mesma palavra há um erro ortográfico em português que não é transferido para o inglês. Certamente, ele não acrescentaria nada para a compreensão do texto, mas chamamos a atenção para refletir na real intenção das tradutoras e do editor em manter outros aspectos da escrita que também não contribuem para uma boa tradução. Em casos como este, de letras maiúsculas no meio de frases, percebemos que muitas delas, no diário em língua portuguesa, estão em um novo parágrafo. Para o processo de tradução talvez não cause efeito, porém, para entender a lógica do processo de escrita fragmentada de Carolina Maria de Jesus, percebemos que ela capitaliza palavras ao iniciar novos parágrafos, mas, às vezes, se esquece de utilizar a mesma regra após um ponto final ou iniciar uma nova frase.

Agora, observemos os Exemplos 3, 4 e 5. Todos se relacionam com a maiusculização (ou não) do pronome pessoal do caso reto da primeira pessoa do singular: “eu” e *I*.

Exemplo 3:

“Circula um **buato** que o **dr.** Adhemar esta no Rio de Janeiro. **penso**: que um político quando impõe algo que agita o povo, não deve ausentar-se” (Jesus, 1996, p. 37).

“There is **rumor** that **Dr.** Adhemar is in Rio de Janeiro. **I** think: when politician’s decisions displeas the people he should not disappear” (Levine; Meihy, 1999, p. 24).

Exemplo 4:

“Levantei as 6 horas o João, foi a aula **eu** dei-lhe um bilhête...” (Jesus, 1996, p. 119).

“I got up at 6 o’clock João went to class **i** gave him a note...” (Levine; Meihy, 1999, p. 79).

Exemplo 5:

“Vou fazer macarronada. **pedi** ao João para varrer a casa.” (Jesus, 1996, p. 120).

“I going to make macaroni. **i** asked João to sweep out the house.” (Levine; Meihy, 1999, p. 79).

No Exemplo 3, a escrita da autora segue em letra minúscula após um ponto final, mas no idioma inglês não é possível redigir uma frase sem o sujeito, ou com o sujeito oculto, como ocorre em português. Assim, a estratégia foi incluir o pronome *I*, que também apresenta outra particularidade da gramática inglesa: precisa ser sempre redigido em letra maiúscula. Um caso simples de se resolver entre outros dilemas de tradução. Na mesma frase, destacamos que a abreviação de doutor (dr.) foi capitalizada na tradução, o que continua, à medida que avançamos no texto e na análise, não seguindo uma constante nas escolhas e estratégias tradutórias.

Para entender essa inconsistência, os Exemplos 4 e 5 mostram que, em situações iguais ou similares, ocorreram outras escolhas. No Exemplo 4, uma vírgula deslocada é excluída e não é substituída por um ponto final, por exemplo. E o pronome “eu” ganha seu equivalente, porém, agora, em letra minúscula “i”. Neste trecho, em particular, há mais de uma possibilidade de ajustar a tradução. Ao invés de compreender como uma nova frase, poderia ter sido compreendida como uma sequência de ações e empregado vírgulas, desta forma, manteria o pronome *I* maiúsculo (“I got up at 6 o’clock. João went to class, **I** gave him a note...”). Ou simplesmente as tradutoras poderiam ter seguido a regra da gramática de recepção, deixando o pronome *I* maiúsculo. O mesmo caso é percebido no Exemplo 5, que, mesmo com o ponto final e a regra de maiusculização do pronome em inglês, escolhem mantê-lo em minúscula. Para o leitor fluente do idioma, ver os pronomes em minúsculo constituem muito mais do que uma falta de prática ou de atenção

ao texto, mas, sim, representa um erro grosseiro de gramática, e, através dele, a construção da imagem da escritora é comprometida e distorcida. Amplia a noção de falta de conhecimento de regras básicas da escrita, novamente, colocando-a à margem do sistema literário.

Optar por manter a estética de um texto que se quer traduzir como documento social e político nos parece uma escolha inapropriada, pois a ênfase deveria recair sobre o conteúdo e não sobre forma, no caso do diário em análise. O que aconteceu na aplicação desta estratégia é que a maioria das entradas dos diários, de fato, manteve a falta de pontuação, o uso de letras maiúsculas de forma aleatória e a falta de maiusculização no início de novas frases, principalmente.

Porém, ao comparar o texto de partida com o texto de chegada, também identificamos muitas passagens que foram redigidas pela escritora dentro da norma culta da língua portuguesa (ponto final seguido de letra maiúscula, por exemplo) que foram deturpados pela generalização de sua forma de escrever, aumentando a incidência dessas ocorrências e enfatizando o estereótipo da escritora de pouca educação escolar. Esta escolha tradutória prejudica e ignora os esforços da autora em reescrever seus textos, buscando atualização e aprimoramento de seu vocabulário e escrita. Também nos remete às traduções primordiais que têm o “foco no passado colonial e não na contemporaneidade” (Barbosa, 1994, p. 91), negando a atualização e o acompanhamento de uma autora e obra através do tempo.

3.2 Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico

Assim como o item anterior, reestruturar frases e realizar escolhas para atingir o sentido desejado na tradução consiste na reescritura do texto original. Nesse sentido,

O que o desenvolvimento dos Estudos da Tradução mostra é que a tradução, como toda (re)escrita, nunca é inocente. Há sempre um contexto no qual ela ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para a qual um texto é transposto⁵ (Bassnett; Lefevere, 1990, p. 11, tradução nossa).

⁵ No original: “What the development of Translation Studies shows is that translation, like all (re)writings is never innocent. There is always a context in which the translation takes place, always a history from which a text emerges and into which a text is transposed”.

Portanto, são essas escolhas que serão divulgadas na cultura de recepção, por isso, atingir o sentido é sempre mais difícil do que encontrar termos equivalentes.

No Quadro 1, agrupamos alguns exemplos de expressões e palavras que, dentro do contexto, poderiam ser substituídas por equivalências que correspondessem de forma mais próxima à ideia expressa pelo texto de origem:

Quadro 1: Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico

Palavra ou expressão em português (Jesus, 1996)	Palavra ou expressão em inglês (Levine; Meihy, 1999)	Sugestão de equivalência
Aagitadas (p. 36)	Upset (p. 24)	Agitated
Não gostam (p. 33)	Detest (p. 19)	Don't like
Ela ficou triste. (p. 34)	She looked sad. (p. 34)	She got sad.
Qualquer coisa (p. 34)	Everything (p. 34)	Anything
Casaco preto (p. 34)	Black sweater (p. 34)	Black coat
Palavras sensatas (p. 35)	Sound words (p. 22)	Sensible words
Educados (p. 35)	Decent (p. 22)	Polite
Infustos (p. 36)	Miserables (p. 23)	Unfortunate
Infusta (p. 261)	Unhappy (p. 161)	Unfortunate

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Na primeira coluna, relacionamos as expressões conforme constam no livro em português, na coluna central está a escolha das tradutoras, e, na última, elaboramos sugestões, que preencheriam com propriedade a semântica do texto.

Observando cada termo de forma individual, é possível agrupá-los por escolhas ideológicas. O primeiro grupo (*detest, everything, miserables, unhappy*) foram escolhas que preferiram enfatizar as emoções dentro do contexto da favela, tornam a fala mais agressiva e o sofrimento mais comovente, pois se trata de um espaço de condição degradante.

O uso dessas expressões acaba por simplificar o vocabulário de Carolina Maria de Jesus, o que denota uma tentativa de manter a imagem de mártir criada pelos norte-americanos.

Já o segundo grupo de palavras (*upset, she looked sad, black sweater, decent, sound words*) exerce o sentido oposto de suavizar a enunciação, mas

também intenta uma aproximação entre o vocabulário e a condição social da escritora. Lembramos que a última coluna do Quadro 1 são sugestões que podem ou não ser acatadas de acordo com a bagagem cultural e linguística de cada profissional da tradução, pois “a tradução como atividade é sempre duplamente contextualizada, pois o texto tem uma posição em duas culturas”⁶ (Bassnett, 2014, p. 30, tradução nossa).

Além da escolha de léxicos, transpor um texto para uma outra língua também comporta realizar alterações de ordem sintática. Reorganizar uma frase, omitir ou incluir termos e expressões auxiliares são ações comuns. O nível de interferência está associado à capacidade do tradutor de dizer (quase) a mesma coisa utilizando os artifícios de, pelo menos, duas culturas. Assim, o Exemplo 6 ressalta três situações (A, B, C) que se utilizaram de uma readequação da estrutura sintática, inevitavelmente, alterando a ordem do discurso:

Exemplo 6:

- A - “Paguei o sapateiro. o concerto dos sapatos de Vera” (Jesus, 1996, p. 36).
- B - “**Eu incentivo** o João na lêitura para ele ficar dentro de casa” (Jesus, 1996, p. 39).
- C - “– Quando êle perde nas urnas transforma a pele do povo em couro – por que do couro, sal as colmêias” (Jesus, 1996, p. 37).
- A - “I paid the shoemaker for fixing Vera’s shoe” (Levine; Meihy, 1999, p. 24).
- B - “**I try to keep** João indoors to read” (Levine; Meihy, 1999, p. 26).
- C - “– When he loses at the polls he grabs the voters and tans their hides, and then, after using them in this way, forgets how they helped him get into office.” (Levine; Meihy, 1999, p. 24).

Na letra A, as tradutoras optaram por não manter a pontuação do texto de Carolina Maria de Jesus em favor da compreensão da oração, assim, uniram as frases em uma relação de causa e consequência acrescentando

⁶ No original: “translation as an activity is always doubly contextualized since the text has a position in two cultures”.

a preposição *for*. Apesar de haver interferência na escrita, a ideia central é mantida, e a leitura flui naturalmente.

Na letra B, a mudança de sentido é brusca. A frase em português expressa o cuidado materno para evitar que o filho saia para a rua e fique exposto aos perigos da favela, para isso, a mãe tenta desenvolver o gosto do filho pela leitura, assim, talvez, ele não se interessaria em sair de dentro de casa. A leitura é um pretexto para que a criança não vá para rua. Portanto, a tradução inverte as prioridades da situação. O sentido expresso é que a mãe força a criança a ficar dentro de casa para ler, e não para protegê-la. Esta alteração de sentido também influencia na percepção do leitor em relação à personalidade de Carolina Maria de Jesus. A escritora quer proteger os filhos do submundo da favela e para isso tenta se utilizar da leitura. No entanto, na versão inglesa, a autora soa mais rude e enérgica em relação à leitura, sem fazer alusão aos perigos externos, que são o principal foco de ela insistir na leitura.

Na letra C, surge um dos primeiros percalços da tradução envolvendo aspectos culturais com mais relevância. Antes de analisar a tradução, observamos que pode ter ocorrido uma má compreensão dos manuscritos da autora, pois a expressão popular seria “Do couro sai a correia”. Esse é um ditado popular empregado em situações que se deseja expressar a ideia de que se insiste até conseguir o que se quer, sem com que se invistam mais esforços. Neste viés, a opção das tradutoras foi escolher uma expressão idiomática, além de estender a oração com mais explicações. Uma expressão idiomática, no inglês ou no português, é um recurso da língua falada ou escrita, composta por palavras que, juntas, expressam significados conotativos diversos. A expressão selecionada *tan someone's hide*, na cultura inglesa, hoje tida como em desuso, possui conotação que indica ação violenta como “surrar” ou “chicotear”. Talvez por isso, as tradutoras optaram por, ainda, explicar o próprio ditado: *after using them in this way, forgets how they helped him get into office*, utilizando uma tradução explicativa.

3.3 A explicação ou complementação entre colchetes

As diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos da década de 1960 certamente dificultaram, em alguns momentos, as tomadas de decisões durante a reescrita dos fragmentos dos diários de Carolina Maria de Jesus. Outros recursos da tradução mais convencionais são a utilização de notas,

que podem ser explicativas ou de referência. Elas podem ser alocadas no rodapé dos livros ou repousar ao final dos textos, como notas finais. Além das notas, alguns editores e tradutores, preferem incluir as complementações ou inclusões no próprio texto vertido, para isto, utilizando-se dos recursos gráficos disponíveis, como os colchetes, indicando a inserção de conteúdo, ou as reticências entre os parênteses, indicando exclusão ou supressão de trechos.

No caso do livro *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999), a escolha editorial foi pelo uso dos colchetes para explicar nomes, expressões e lugares, ou para completar o nome próprio de pessoas e figuras públicas, entre outras utilizações, conforme selecionado no Quadro 2.

Quadro 2: Explicações em colchetes

Trecho em português (Jesus, 1996)	Trecho em inglês (Levine; Meihy, 1999)	Motivo do uso
Estou gastando 30 so de manhã. (p. 33)	Just in mornings I am spending 30 [cruzeiros] . (p. 20)	Explicação.
Que desse gêito, não vae. Que foi dr. Adhemar quem aumentou as passagens (p. 33)	It can't go on like this. It was [Mayor] dr. Adhemar [de Barros] who upper the bus fares (p. 21)	Explicação e complementação.
Tirou o chapéu (p. 34)	The municipal worker took off his hat (p. 21)	Retomada do sujeito na frase, ficou fora dos colchetes.
Eu tenho pavor dos mineiros por causa do “dêixa pra amanhã!” (p. 35)	I am afraid of the mineiros [inhabitants of the state of Minas Gerais] because of their “leave it for tomorrow!” [attitude]	Explicação de termo em português (gentílico). Explicação de expressão.
Não sei como haveras de fazer se a gente trabalha passa fome se não trabalha passa fome. (p. 38)	I don't know what we are going to do [if] people work they are hungry [and] if they don't work they are hungry. (p. 25)	Incluído no colchete sem necessidade (pode ser que nos manuscritos não tenha). Complementação.
Dêixei o leito as 5 e 44 . (p. 38)	I got up at 5 and 44. [5:44 A. M.]	Explicação.
pensei: em vez de dois zeros , devia ser 3. (p. 54)	instead of two [z]eros , there should be 3. (p. 41)	Retificação, mas consta no texto original (pode não estar nos manuscritos).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Devido à linguagem e aos problemas de tradução, a qualidade e a compreensão das obras traduzidas são afetadas, o que pode contribuir para a dificuldade da promoção da literatura brasileira entre os falantes da língua inglesa, sem que haja um apelo histórico-social ou comercial para atrair a atenção para a tradução. Por isso, utilizar este recurso dos colchetes pode parecer uma alternativa interessante para manter a proximidade entre os leitores da cultura de recepção e a cultura de partida. Todavia, muitos dos termos e expressões que foram incluídos ou complementados também foram relacionados no glossário final, que abrange 28 termos específicos da cultura brasileira, não traduzidos.

O Quadro 2 traz exemplos de utilização do recurso dos colchetes para explicar e complementar o sentido de frases que são difíceis de compreender ou estão cortadas, frases sobre as quais os leitores precisariam ter conhecimento prévio da cultura brasileira para conseguir realizar as inferências do que fica pressuposto e do que fica subentendido na linguagem de Carolina Maria de Jesus.

Quando estas estratégias anteriormente analisadas não são suficientes ou satisfatórias para realizar a versão de um texto, é o momento de incluir de forma considerável os aspectos culturais e ideológicos para, de fato, reescrever um novo texto, para uma nova cultura.

4 Estratégias de manipulação e reescrita

Traduzir não é uma tarefa simples, exige muito dos tradutores que realmente se ocupam do ofício e da responsabilidade de reescrever todo o tipo de obra. Seja

produzindo traduções, [...] ou suas próprias compilações mais compactas, [...] manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época (Lefevere, 2007, p. 23).

Assim, a questão da tradução ainda é pouco desenvolvida na esfera dos estudos sobre Carolina Maria de Jesus e suas principais obras, *Quarto de despejo* (1960), *Casa de alvenaria* (1961) e *Meu estranho diário* (1997). A falta de interesse repousa nos conceitos que gestaram e publicaram os diários pelo mundo. O ofício do tradutor não era reconhecido, dele se exigia

ser invisível, não aparecer no texto, e o perfil do profissional estava sempre associado a jornalistas, escritores ou pessoas que tivessem o conhecimento do idioma de partida suficiente para verter palavra por palavra. A (pouca) qualidade era justificada nos paratextos, contornada por notas de rodapé ou inclusões no próprio texto.

Robert M. Levine e José Sebe Bom Meihy foram pessoas importantes no marco da história traçada pela escritora negra. As traduções, apesar de possuírem introduções e prefácios muito completos e éticos, também estão defasadas e inadequadas para o consumo do mundo atual. Atribuímos esta afirmação após analisar *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999) e perceber que o texto foi traduzido da mesma forma pela qual ele foi concebido pela crítica nacional e estrangeira, como um documento.

Desta forma, as teorias dos Estudos Culturais e da Tradução encontram dificuldades de se identificar com as estratégias empregadas, pois o foco não está na tradução, mas nos paratextos. Porém, ao mesmo tempo, encontramos resultados promissores no tange à possibilidade de repensar a tradução de Carolina Maria de Jesus, assim como está sendo feito com os diários em português.

Pensando, modestamente, nesta futura possibilidade de contribuir para que este movimento em favor da tradução da literatura marginal brasileira ganhe forças e se concretize, é que sentimos a necessidade de dividir o resultado da análise do último diário vertido para o inglês em tópicos específicos de tradução e tópicos específicos de manipulação e reescritura.

4.1 Diferentes traduções para a mesma palavra

Durante o processo tradutório, as cópias dos manuscritos vertidos foram divididas entre Cristina Mehrrens e Nancy P. S. Naro. Apesar de haver a troca de ideias e de conhecimento, questionamos se as diferenças encontradas na análise comparativa são reflexos dos estilos de traduzir e das seleções editoriais de cada uma das tradutoras.

Apesar de identificar recursos e estratégias empregadas na produção do texto em língua inglesa, não foi possível quantificá-los manualmente devido à inconsistência dessas estratégias. Nos fragmentos dos primeiros anos do diário, por exemplo, encontramos uma tradução com mais explicações, preocupada em não deixar nenhuma informação incompleta,

uma escrita que visa se aproximar o máximo permitido pelas discrepâncias linguísticas do original. Em contrapartida, nos fragmentos dos anos finais há uma incidência maior do uso do pronome *I* em minúsculo, e a tradução é mais fluida.

Os resultados da análise comparativa revelam que a imagem da autora nunca será representada de acordo com a realidade esperada, pois sempre haverá disputas de poder, de espaço e de ideologias que vão embasar os estudos identitários a partir do que se deseja representar em determinada sociedade, pois

no passado, assim como no presente, reescritores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura. Essas imagens existiam ao lado das originais com as quais elas competiam, mas as imagens sempre tenderam a alcançar mais pessoas do que a original correspondente e, assim, certamente o fazem hoje (Lefevere, 2007, p. 18-9).

Nesse sentido, as predileções e as dualidades para traduzir termos ou expressões iguais estão relacionadas à representação da imagem da escritora, logo, o Quadro 3 reúne exemplos das palavras que circulam no texto em língua portuguesa, mas que na língua inglesa foram atribuídas a mais de uma tradução:

Quadro 3: Diferentes traduções para a mesma palavra

Palavras em português (Jesus, 1996)	Palavras em inglês (Levine; Meihy, 1999)
infaustos (p. 36) infausta (p. 261)	miserable (p. 23) unhappy (p. 161)
nervosa (p. 38) nervosa (p. 43)	irritable (p. 25) agitated (p. 30)
favela (p. 36) favela (p. 53)	shantytown (p. 23) favela (p. 39)
favelada (p. 150) favelados (p. 73)	favelafied (p. 109) favelados (p. 50)
fui carregar água (p. 54) fui carregar água (p. 36) fui carregar água (p. 45)	went to haul water (p. 40) went to fetch water (p. 24) went for water (p. 32)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Analisando o Quadro 3, as palavras “infaustos” e “infausta”, referem-se, respectivamente, ao povo e à vida. Em posse do contexto, verificamos que a escolha das traduções está relacionada aos termos que referencia (povo = *miserable*, vida = *unhappy*), por isso, apesar de perder a característica do vocabulário pomposo da autora, a seleção está adequada ao contexto gramatical e na relação de sentido que constrói com as demais palavras.

Ambas as palavras “nervosa” selecionadas como exemplo referem-se à própria autora-personagem, e o nervosismo expresso é o reflexo da preocupação de não ter o que comer. As traduções em inglês, apesar de distintas, traduzem o mesmo sentimento de ansiedade, impaciência e aflição. Neste caso, novamente, o sistema linguístico mostra que não é possível realizar uma tradução de qualidade através de termos isolados, pois o contexto de uso das palavras é que vai predominar na escolha de um ou de outro termo. O uso do adjetivo *irritable* é aplicado no entendimento de um contexto no qual a personagem está inserida no meio de mais pessoas, e a percepção dessas pessoas em relação ao sentimento dela seria o sentido expresso por *irritable*. O uso do adjetivo *agitated* dá-se no contexto em que a personagem está sozinha, pensando nesta sensação de nervosismo que frequentemente lhe atinge quando não há comida para alimentar os filhos ou a si mesma. Então, a percepção da personagem sobre si é expressa pelo sentido da palavra *agitated*. Porém, para ela, nos dois momentos, o sentimento descrito era de estar (ou não) “nervosa”, sem distinção do que sentia.

Com isso, refletimos sobre a importância das escolhas de palavras em uma reescrita e o poder que essa escolha emana sobre a feitura de um novo de texto. Junto a isso, a responsabilidade de reescrever⁷ que recai sobre as tradutoras. Mesmo que estas não tenham feito as escolhas sozinhas, o compromisso com o texto será sempre do nome que assina junto do(a) autor(a).

Outro exemplo deste trabalho também está nas palavras que foram mantidas em língua portuguesa em todas as edições. “Favela(s)”, “favelado(a)” e suas derivações são palavras que, em 1960, não existiam no vocabulário inglês. Nos três diários vertidos para este idioma, expressões como *slum* ou *shantytown* foram usadas como sinônimos, mas não representavam a semântica de “favela”. Por isso, hoje, o termo já está

⁷ A partir daqui, entendemos reescrever como uma das formas de se traduzir um texto. E no caso em análise, a forma que acreditamos ser a mais adequada, no momento, para abordar os textos de Carolina Maria de Jesus.

incluído no dicionário da língua inglesa como “a very poor and crowded area of a city in Brazil” (Favela, 2023) e não necessita de tradução, pois é um termo que faz referência exclusiva ao Brasil. Em *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, a palavra foi utilizada normalmente, e, algumas poucas vezes, utilizado o sinônimo *shantytown*, assim como, o termo derivado “favelado(a)”. No Quadro 3, destacamos o neologismo empregado para fazer a tradução de um poema, no qual foi utilizado a palavra “favela” acrescido do sufixo inventado *-ied*, da língua inglesa, retirado da palavra *stupefied* para compor a rima, ao mesmo tempo que ambas as palavras se mantêm como adjetivos.

Por último, analisamos as formas encontradas pelas tradutoras para referenciar as repetições da frase “Fui carregar água”. As primeiras entradas dos dias do diário de 1958 são repetitivas, iniciam com Carolina Maria de Jesus levantando e indo buscar água, pois esta era a sua rotina. Desse modo, Mehrstens e Naro selecionaram diferentes expressões para iniciar cada entrada, adequando-as ao contexto e ao sentimento e evitando a exaustão da leitura. As três expressões selecionadas foram sendo intercaladas ao longo de todo o diário.

Essa estratégia, do ponto de vista da análise estética foi adequada, no entanto, se houve a intenção de não alterar o texto da escritora, então, foi uma escolha arriscada. A exaustão da leitura e o vocabulário limitado para determinadas representações são características fundamentais dos primeiros manuscritos que compõem o diário *Quarto de despejo* (Jesus, 1960). Essa repetição também foi criticada por Audálio Dantas, que, igualmente, fez cortes e edições para evitar os mesmos impasses. Nesse sentido, em *Meu estranho diário*, o editor comenta que é possível identificar o desenvolvimento da linguagem e do estilo de escrita de Carolina Maria de Jesus com o passar dos anos (Meihy; Levine, 1996). Cada um dos períodos representa uma fase de vida e da carreira literária, e uma das características para a qual o pesquisador chama a atenção é que essa repetição inicial dos diários vai gradativamente desaparecendo, pois a autora passa a selecionar o que considera relevante para registrar.

4.2 Supressões, omissões e escolhas editoriais

Um dos maiores dilemas enfrentados até o momento sobre a publicação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus são as edições.

Editar é uma forma de tradução, mesmo que a edição seja realizada para uma publicação no idioma original. Dentro dela, os vilões são os conteúdos acrescentados e os conteúdos excluídos, cada um ocupando seu lugar de acordo com o posicionamento editorial.

É compreensível quando explicações ou complementações se fazem necessárias para dar fluidez e sentido ao conjunto da obra, mas excluir é sempre uma violência textual, principalmente quando se refere a textos afro-diaspóricos. Nesse sentido, dedicamos este item para a análise da manipulação do texto caroliniano para compreender quais, como e por que as entradas dos manuscritos foram excluídas.

A exclusão sempre esteve presente nas edições das obras da autora como uma forma de silenciamento, escolha consciente dos editores, tradutores e tradutoras, mas o ato tradutório em si também pode ser considerado uma forma de violentar o texto, pois

a violência da tradução reside em sua própria finalidade e atividade: a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que lhe preexistem na língua de chegada, sempre configuradas em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação, e recepção de textos. A tradução é a substituição forçada da diferença linguística e cultural do texto estrangeiro por um texto que seja inteligível ao leitor da língua de chegada⁸ (Venuti, 1992, p. 209 *apud* Bassnett, 2014, p. 46, tradução nossa).

E quando se torna difícil fazer esta transposição entre culturas ou quando o conteúdo da tradução não condiz com a cultura de chegada, a violência ultrapassa o campo simbólico e se materializa nas supressões.

Observando as datas, percebemos que há um número significativo de entradas dos diários que foram deixadas de lado na tradução. Consideramos na análise as prerrogativas do editor que informou que houve cortes em função do espaço e que o conteúdo traduzido representava $\frac{1}{3}$ do material

⁸ No original: “the violence of translation resides in its very purpose and activity: the reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs and representations that preexist it in the target language, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts. Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target language reader.”

consultado. Assim, analisamos os conteúdos das passagens que não foram traduzidas para compreender as escolhas.

Os diários de 1961 e 1962 foram os que mais sofreram supressões e as últimas entradas de cada ano foram interrompidas antes de se encerrarem. O texto foi interrompido em trechos que terminassem com exclamações e comentário sentimentais da autora.

A exemplo, dos fragmentos do ano de 1958, no mês de novembro, foram excluídas, pelo menos, 11 entradas. Neste intervalo do dia 1º até o dia 30 de novembro de 1958, houve sete cortes. Essas interrupções causam, de certo modo, uma descontinuidade no texto, pois acabam omitindo informações que seriam relevantes mais adiante.

Mas essa não pareceu uma preocupação do editor e das tradutoras, ao contrário, as entradas escolhidas contêm informações de ordem política e social que interessam para construir a imagem desejada da autora que foi rejeitada pelo próprio país. Por exemplo, entre os dias 10 e 17 de novembro, o único fragmento mantido foi do dia 15, o qual relata discussões e confusões na favela causadas pelos moradores, onde o teor da discussão e as imagens descritas remetem às práticas de relacionamentos sexuais que ocorriam naquele ambiente. Por outro lado, o editor escolheu suprimir vários dias do ano de 1962 nos quais Carolina Maria de Jesus realizava encontros e atividades intelectuais com a escritora Eva Vastari.

Comparando essas duas escolhas, o posicionamento colonial do olhar norte-americano sobre a autora é claro. Logo, entendemos que o discurso das páginas de introdução e posfácio acaba se opondo à prática da tradução, pois a segunda deixa transparecer a opinião que foi veiculada pelas mídias estadunidense e inglesa. Assim, essa tradução, enquanto obra completa, é contraditória e paradoxal, pois critica as edições realizadas por Audálio Dantas, mas reconhece que sem ele, Carolina Maria de Jesus nunca teria sido descoberta. No entanto, essa versão pratica as mesmas ações quando projeta a ideologia nas escolhas tradutórias e nas supressões. Nesse sentido, a tradução pode ser entendida como um efetivo instrumento do colonialismo (Bassnett, 2014), pois o texto marginal que ganha espaço no território do colonizador acaba funcionando como mecanismo de afirmação das práticas coloniais ao ter seu discurso distorcido no processo de reescrita.

Nesse sentido, o diário de 1966 – que não foi incluído no diário em português – foi mantido e destacado na versão inglesa. A escolha de publicar

o diário de 1966, inclusive enfatizando sua existência, é uma tentativa muito explícita de associar a imagem de Carolina Maria de Jesus à política do Brasil. O conteúdo do diário, de fato, é relevante, pois percebe-se o amadurecimento na escrita da autora, mesmo através da tradução. O texto reitera a inclinação artística para a produção dos textos literários de gêneros mais líricos através da forma com que a autora descreve as situações que o país atravessou nos últimos anos e o seu desfecho pessoal.

As exclusões dos diários dos anos anteriores abriram espaço para a inclusão do diário de 1966, pois a obra foi construída com base na história do Brasil associada à vida de Carolina Maria de Jesus, descrevendo-a como um mero acaso do destino, que revelou a condição do pobre, por isso, foi consumida e esquecida na mesma medida, mas sobreviveu através dos tempos pelo trabalho (paradoxal) de um estrangeiro. Portanto, as supressões da tradução são tão significativas quanto o texto que a compõe ou os textos que substituíram aquelas lacunas. Analisá-las mostra que os discursos dos países modernos

sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não europeu. Há incorporações; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado deve ser ouvido e suas ideias conhecidas (Said, 2011, p. 101).

Toda a tradução sobrevive pelo reconhecimento, e este se revela ou pela qualidade do texto ou pelas incoerências que este suscita. A tradução de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999) é resultado dos discursos universalizantes que tentavam silenciar as ideias dos povos colonizados, mesmo que seja utilizando o próprio discurso contra eles.

4.3 Equívocos

O valor intrínseco de uma obra possui um papel menor nos casos da tradução (Lefevere, 2016), pois, por ser um produto de outra cultura relido e reescrito para se encaixar na cultura de recepção, seu valor estético, de mercado e como ela vai (ou não) afetar esta sociedade são mais importantes. O texto de Carolina Maria de Jesus não deixou de ser impactante, de retratar a realidade da miséria ou de ser um documento social e histórico, quando perdeu a fama, mas o fato de ele estar voltando à cena da literatura

brasileira mostra que agora há bases suficientes para incorporá-lo, e estas são os valores extrínsecos.

A qualidade da tradução está relacionada à valoração, por isso equívocos na tradução podem provocar problemas de compreensão e descaracterização do sentido original do texto vertido e, conseqüentemente, no seu valor estético e de mercado. Sobre os equívocos há diversos fatores que podem ter contribuído para que eles ocorressem, desde problemas de compreensão do idioma a ser traduzido, de digitação a situações desencadeadas pelas questões culturais, conforme demonstra o Quadro 4.

Quadro 4: Equívocos de tradução

Trecho em português (Jesus, 1996)	Trecho em inglês (Levine; Meihy, 1999)	Sugestão e observação
Esporte saez (p. 39) [soez?]	Healthy sport. (p. 26)	<i>Worthless sport.</i> Problema de compreensão.
... e comecei a limpar o barro. (p. 38)	... and began to clean the clay pots. (p. 26)	<i>... and began to clean the dirty off the floor.</i> Problema de compreensão.
– Ele sorriu. percebi que devia dizer-lhe isto! (p. 57)	– He smiled. i sensed that i that was a good thing for me to have said to him! (p. 43)	– <i>He smiled. I sensed that was a good thing for me to have said to him!</i> Erro de digitação.
– peguei o chinelos (p. 120)	– I grabbed the leather [belt] (p. 81)	– <i>I grabbed the sandals.</i> Alteração pelo contexto cultural?
Ela e harmonia. (p. 123)	She is harmony. (p. 83)	<i>She is Armenian.</i> [gentílico]. Problema de compreensão.
Dana de Tefê (p. 263)	Dana [Dona?] de Tefê (p. 165)	<i>Dana de Teffê</i> Problema de contexto cultural.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O número de equívocos é ínfimo, mas significativo no quesito relação e conhecimento do idioma e da cultura de partida. Entre as situações listadas, destacamos os problemas identificados como da ordem da compreensão. Os fatores de conservação dos manuscritos podem ter contribuído para essas incidências, porém, refletimos que tais equívocos mostram pouco envolvimento com a cultura de partida.

A protagonista comenta que tenta deixar o filho mais velho dentro de casa para que não saia na rua brincando de lutar com outros meninos, pois ele é muito forte. Comenta que o filho quer ser lutador de boxe e desdiz o esporte, chamando-o de “soez”. Na tradução, talvez a dificuldade de ler e diferenciar “saez” e “soez” levou as tradutoras a representarem o posicionamento “dócil” da autora-personagem, mas o contexto da fala pressupõe que lutar, mesmo como esporte, não era algo aprovado por ela.

Outra questão de compreensão é a tradução de “barro” para *clay pots*, mas a escritora não tinha utensílios domésticos. Porém, em outros momentos, a autora escreveu sobre o barro vermelho do qual a favela era feita e que a rotina da casa consistia em acordar, buscar água, cuidar dos filhos, cozinhar, limpar a casa etc. Outro aspecto é que a louça também era lavada no rio Tietê, assim, acreditamos que essa interpretação também seja equivocada, o barro se refere à poeira do chão, e não a potes.

O mesmo equívoco ocorre na tradução de um gentílico como um substantivo no sentido figurado. O contexto não permite que a pessoa seja elogiada ou comparada com este sentimento (*harmony*); conhecendo a autora, sabe-se que ela considera muito a origem das pessoas, logo, uma professora formada e com experiências de viagem certamente teria um atributo especial, não ser brasileira (de acordo com a ideologia de Carolina Maria de Jesus). Então, o erro de escrita pode ter influenciado as tradutoras a associarem o termo à palavra “harmonia” ou invés de associá-lo à Armênia.

Sobre a tradução de chinelos para um cinto de couro, prevemos diversas possibilidades que possam ter levado a esse desfecho. De qualquer forma, o significado do que estava acontecendo foi compreendido: alguém apanhou com alguma coisa. Talvez as tradutoras não tenham identificado o significado da palavra “chinelos” e substituíram pelo instrumento comum nas culturas utilizado para surrar as crianças naquele tempo.

Pesquisas em bases de dados, mesmo em 1990, poderiam ter esclarecido esses equívocos, assim como o caso real de Dana de Teffé. Neste impasse, as tradutoras optaram por deixar entre os colchetes um sinal de interrogação, mostrando que tinham dúvidas sobre esse termo, ao invés de simplesmente alterar ao gosto do público receptor.

5 Considerações finais

Com base nas análises das estratégias tradutórias, concluímos que toda tradução perde alguma coisa, mas que, ao mesmo tempo, existe a refração, que, de acordo com Lefevere (1982), acontece com o trabalho de todos os escritores. É quando a obra é recebida e interpretada em determinado contexto, podendo ou não ter suas refrações multiplicadas quando a interpretação ultrapassa as fronteiras da cultura de recepção.

Assim, o diário de Carolina Maria de Jesus traduzido para o idioma inglês sob o título *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Levine; Meihy, 1999) certamente favoreceu a sua divulgação pelo mundo, ao mesmo tempo que subsidiou o seu retorno no Brasil, através da vertente da História. E foi a partir dele que os estudos literários retomaram os estudos acerca desta intrigante escritora brasileira.

A análise da tradução permitiu identificar as estratégias utilizadas para que o sucesso no exterior fosse mais duradouro do que no Brasil. Além das questões históricas e políticas que envolveram todo o contexto de publicação da autora, a ideologia dos processos e das pessoas envolvidas foi fundamental para a construção da imagem de Carolina Maria de Jesus nos Estados Unidos.

As tentativas dos estudos norte-americanos de colocar o país da escritora como vilão ou como incapaz de reconhecer a importância do legado caroliniano esconderam nos detalhes a herança colonial, de fazer emergir do mundo desenvolvido a construção do outro baseada nas suas premissas culturais e ideológicas de silenciamento e construção de arquétipos estigmatizantes disfarçados de reconhecimento e valorização da escrita negra testemunhal. Também foram construídos e reforçados os estereótipos sobre a cultura brasileira e resumiram a escritora em imagem figurativa para representar o resultado de péssimas escolhas políticas e sociais por parte dos regimes governantes.

Referências

BARBOSA, H. G. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. 1994. 463 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – University of Warwick, Coventry, West Midlands, 1994. Disponível em:

http://wrap.warwick.ac.uk/56829/1/WRAP_thesis_Barbosa%2C%20Heloisa%20Goncalves.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

BASSNETT, S. *Translation*. New York: Routledge, 2014. *E-book*.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. London: Multilingual Matters, 1998.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. *Translation, History, and Culture*. London: Cassel, 1990.

ESTEVES, L. M. R. *Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2014.

FAVELA. In: CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/favela>. Acesso em: 8 jan. 2023.

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução: Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JESUS, C. M. de. *Bitita's Diary: the Childhood Memoirs of Carolina Maria de Jesus*. Tradução: Emanuelle Oliveira e Beth Joan Vinkler. New York: M. E. Sharpe, 1998.

JESUS, C. M. de. *Casa de alvenaria – diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, C. M. de. *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus*. Tradução: David St. Clair. Nova York: New American Library, 1962.

JESUS, C. M. de. *I'm Going to Have a Little House: the Second Diary of Carolina Maria de Jesus*. Tradução: Melvin S. Arrington Jr., Robert M. Levine. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

JESUS, C. M. de. *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy, Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEFEVERE, A. Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature. *Modern Language Studies*, v. 12, n. 4, p. 3-20,

Autumn 1982. DOI: <https://doi.org/10.2307/3194526>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3194526>. Acesso em: 8 jan. 2023.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução: Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. New York: Routledge, 2016. *E-book*.

LEVINE, R. M.; MEIHY, J. C. S. B. (org.). *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*. Tradução: Nancy Priscilla S. Naro, Cristina Mehrtens. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999.

LEVINE, R. M.; MEIHY, J. S. B. *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*. Albuquerque: University Of New Mexico Press, 1995.

MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, R. M. A história do projeto. In: JESUS, C. M. de. *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy, Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996, p. 12-30.

MELO, C. V. de. Mapping Brazilian Literature Translated into English. *Modern Languages Open*, Liverpool, p. 1-37, 23 fev. 2017. DOI: <https://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.124>. Disponível em: <https://www.modernlanguagesopen.org/articles/10.3828/mlo.v0i0.124/#>. Acesso em: 8 jan. 2021.

OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PERPÉTUA, E. D. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VENUTI, L. *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London: Routledge, 1998.